

A SOCIOLOGIA NA AMÉRICA LATINA E, PARTICULARMENTE, NO BRASIL.

O ensino e os estudos de sociologia, na América Latina e, em particular, no Brasil, não remontam além dos fins do século XIX e, mais rigorosamente, do primeiro quartel dêste século. Se quizermos ser menos complacentes e mais exatos no julgamento, podemos afirmar, de um modo geral, que é nestes últimos 25 anos que os estudos de sociologia tomaram, em alguns países da América, portuguesa e espanhola, uma forma verdadeiramente científica, quer no domínio da especulação teórica, quer no das pesquisas metódicamente conduzidas, quer na associação, muito recente, do ensino e da investigação. Certamente, no crepúsculo do século XIX, já haviam sido criadas, em algumas Faculdades, cadeiras de sociologia, como, no Perú, a da Universidade de Lima, confiada a Mariano Cornejo e, em 1898, a primeira que se fundou na Argentina, na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Buenos Aires, e na qual, ocupada por um ano (1898-99) por Antonio Dellepiane, inaugurou seus cursos Ernesto Quesada, em 1904, depois de um interregno de 5 anos. Antes disso, porém, em 1882, Rui Barbosa, no Brasil, já havia proposto, em parecer magistral sobre o projeto de reforma do ensino secundário e superior, a introdução da sociologia no quadro das matérias dos cursos de direito (1). Não é menos certo que desde os meados do século XIX e daí por diante surgiram, em vários países da América Latina, pensadores, historiadores e ensaistas que voltaram seu pensamento para problemas demográficos, econômicos e políticos, e procuraram examinar, à luz de doutrinas correntes na época, aspectos importantes da vida nacional. As idéias de Augusto Comte, o evolucionismo de H. Spencer e as teorias raciais e antropogeográficas circulavam pelo continente, marcando com suas influências, tumultuárias senão contraditórias, numerosos trabalhos histórico-sociais.

Mas aquelas criações de cadeiras, na Argentina e no Perú, e a proposta de Rui, no Brasil, não passavam de tentativas isoladas e dispersas, sem grande repercussão na cultura desses e outros países;

(1) — RUI BARBOSA — Obras completas. Vol. IX. 1882. Tomo I. Reforma do ensino secundário e superior. Pg. 105-106. Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1942.

e êstes estudos, de valor desigual, alguns realmente importantes, já incorporados à literatura sul-americana, outros, medíocres, não tinham senão o caráter de “trabalhos para-sociológicos de análise e tentativas de explicação de nossa realidade social”, na justa observação de Gilberto Freyre que, no entanto, vai ao ponto de fazer remontar estudos dêsse tipo à época dos cronistas coloniais, com Gabriel Soares de Souza... (2). Entre essas obras, de alcance sociológico, avultam, pela lucidês das observações e pela projeção que adquiriram, mais por sua forma literária do que por seu rigor científico, o “*Facundo: civilización y barbárie*” (1845), — a primeira e a mais importante de tôdas no século passado, — e o “*Conflicto y armonias de las razas en América*” (1883), de Domingo F. Sarmiento, na Argentina, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, já dêste século, e a que se podiam acrescentar os ensaios de Tavares Bastos, Sílvio Romero e Alberto Tôrres, em nosso país, e os de Esteban Echeverria, Juan B. Alberdi e José Maria Ramos Mejia, entre os argentinos. Mas tôdas essas obras, algumas de primeira ordem, como as de Sarmiento e Alberdi, na Argentina, Sílvio Romero e Euclides da Cunha, no Brasil, marcam antes os pontos mais altos de uma longa fase de estudos sociais e políticos, em que se acusam as mais diversas influências que não raramente se misturam e vão desde o positivismo de Augusto Comte e o evolucionismo spenceriano até o determinismo geográfico de Fr. Le Play e as teorias raciais e antropológicas. Em tôdas elas, em grau variável, já se percebe senão o esforço ao menos a tendência para a aplicação de método positivo ao estudo das sociedades humanas e suas instituições; e, se em Sarmiento e em Euclides da Cunha que revelam um espírito objetivo em seus admiráveis trabalhos de análise e interpretação social, prevalecem o poder da intuição e o gênio literário, em Sílvio Romero, por exemplo, o que dá força inegalável aos seus estudos, são, mais que sua erudição, o gôsto e o hábito da pesquisa com que acumulou, numa obra monumental, a maior documentação que já se reuniu, sôbre a cultura popular e a literatura do país. O que importa, nesses raros autores, mais do que a ciência em que certamente se inspiraram, e os seus métodos, é o contato áspero com a terra e o homem, a experiência concreta, é a simpatia pela paisagem e pelo “vivo”, a reação do homem sob o choque de raças e culturas.

Êsse interêsse até à impaciência pelo conhecimento de aspectos da realidade nacional, — o que levou muitas vêzes a vistas excessivamente sistemáticas sem o apôio sôbre investigações precisas e minuciosas, — é tanto mais fácil de compreender quanto, na América, tudo contribuia para acordar e sacudir a atenção do homem, posto sempre em face de novos problemas e de situações no-

(2) — GILBERTO FREYRE — *Factores sociales in la formación de la Sociologia brasileña*, in Boletín del Instituto de Sociologia, n.º 1. Buenos Aires, 1942, pg. 9-13.

vas. A paisagem geográfica, com sua variedade extrema e seus violentos contrastes; os contatos, conflitos e misturas de raças; as diferenças de culturas, acentuadas pelas distâncias e isolamentos; a escravatura e as lutas resultantes da exploração do trabalho humano e, depois, a abolição do regime servil e a transformação lenta da economia colonial numa economia capitalista, levantavam, nesses meios inquietos e torturados, problemas desconcertantes, despertando-lhes a observação e a consciência da necessidade de procurar, nas teorias antropogeográficas, raciais e sociológicas, um instrumento para compreendê-los e um meio de restabelecer a ordem na confusão. Sob uma aparente estabilidade étnica, social e política, o que, na verdade, se desenvolvia, era um estado de efervescência e ebulição que denunciava, aos mais atilados, as perspectivas e as crises de mudança em todos os setores da vida social. Os estudos que apareciam (e o que se podia estranhar, seria antes a sua relativa raridade), não passavam de respostas, quase sempre apressadas, do homem ao constante desafio do meio ambiente, físico e cultural, ou às violências das situações criadas pelos seus problemas. Por isto, “em acentuado contraste com Espanha e Portugal, segundo já observava Adolph Menzel, as jovens nações americanas oferecem, desde os começos da sua vida livre, um marcado interesse pelo conhecimento da realidade social” (3). O monasticismo intelectual (a que se podia acrescentar, para a Itália, o idealismo neo-hegeliano de Benedetto Croce e de Giovanni Gentile), o alheamento senão a oposição ao espírito crítico e experimental, o divórcio entre a cultura e o povo, e o caráter quase estacionário da cultura e das instituições tradicionais não permitiam, nesses países, o interesse pelas realidades sociais, vivas e concretas, que se manifestava, embora sem o necessário aparato conceptual e metodológico, nas jovens nações americanas que, logo após a sua independência, já procuravam tomar consciência de si mesmas. O cultivo da ciência social, ainda que sem a indispensável preparação filosófica e científica, tinha de madruguar, como de fato madrugou, não na Espanha e Portugal, mergulhados na contemplação e na análise histórica de seu próprio passado, mas nos países que se esgalharam dos velhos troncos ibéricos.

Daí, portanto, o sentido pragmático dessa cultura e as tendências nacionais ou nacionalistas da maior parte desses estudos pre-sociológicos que iam direito às realidades concretas e não foram precedidos das especulações teóricas nem de uma fase de exame e crítica, e assimilação a um corpo teórico, das doutrinas importadas que serviam de base a essas análises e interpretações. A sociologia era, por essa época, uma ciência ainda em formação que se constituía lentamente e através de dificuldades e oposições, nos gran-

(3) — ADOLFO MENZEL — *Introducción a la Sociología*. Traducción española de Angela Selke y Antonio Sanchez Barbudo. Fondo de Cultura Económica, México, 1940.

des centros europeus; mas uma ciência nunca é de pura observação e investigação de fatos. Ela exige interpretações, hipóteses e idéias diretrizes. Todo o material, — idéias, teorias e doutrinas que vinham das correntes européias de pensamento, era aproveitado, sem um trabalho preliminar sistemático de crítica, para êsses estudos concretos sôbre realidades dadas, nesse ou naquele país. O sucesso de obras como as de Sarmiento, na Argentina, e as de Euclides da Cunha, no Brasil, mais de 5 anos depois, tinha de se ligar, portanto, menos ao sólido aparato conceptual e às orientações metodológicas do que ao extraordinário poder de análise e de intuição dêsses grandes escritores. Além disso, o nível e o estado do ensino e da cultura científica, nesses países, não ofereciam ambiente cultural favorável, nem o vigor, a pressão e a precipitação dos acontecimentos deixavam tempo e lazeres para os trabalhos teóricos intensivos e a crítica e revisão sistemática de doutrinas. A explicação dêsse caráter prático dominante na educação e nos tipos de ensino, da América em geral, podemos, em parte, encontrá-la em F. W. Roman, quando, examinando as tendências utilitárias da educação nos Estados Unidos, as ligava, nesse país, de um lado, “à mentalidade e à filosofia dos antigos puritanos” que tinham horror às diversões frívolas e a tudo que era puramente decorativo e sem utilidade e, de outro, à luta que tiveram de sustentar (o que foi comum a todos) para dominar a natureza e submetê-la às suas necessidades. “Era um povo (dizia êle, em relação aos Estados Unidos e podemos dizer o mesmo com referência aos demais países americanos), era um povo de grande obstinação. Chegaram (os puritanos) a um país em que era necessário realizar prodígios para conquistar a natureza. Nada mais natural que êsse povo experimentasse para com os teóricos, os contemplativos e os visionários um sentimento de desprezo. Tôdas as idéias devem ser práticas, isto é, contribuir para reformar o mundo e tornar a vida mais agradável” (4).

Não foi menos acentuada do que êsse caráter prático, imediatista ou utilitário, a tendência nacional ou nacionalizante que, em geral, resultou de uma confusão entre objeto e métodos, em sociologia, ou nasceu talvez, em um ou outro país, de uma aspiração prematura de se criar, na América Latina, uma corrente própria e original de pensamento sociológico. Essa tendência que, em alguns países americanos, se prolongou até nossos dias e se manifesta na freqüente adição à palavra “sociologia”, em obras de nossa ciência, de um qualificativo nacional, não passa, em última análise, de um processo de integração dêsse novo valor cultural nas culturas nacionais. As expressões “sociologia argentina”, “sociologia chilena”, peruana ou mexicana, ou ainda “sociologia nacional” repetem-se,

(4) — FREDERICK W. ROMAN — *La place de la sociologie dans l'éducation aux États-Unis.* Paris, 1923.

desde os princípios dêste século, com uma curiosa insistência (5). A idéia de se acrescentar ao termo designativo da ciência um qualificativo nacional implica, antes de tudo, uma confusão entre objeto e métodos; pois, quando se tomam para objeto de pesquisas aspectos de realidades nacionais, não é a sociologia que seria nacional, mas determinado campo de observação e de estudos. Êstes podem variar e efetivamente variam de um país para outro, permanecendo, em substância, o mesmo objeto, — a realidade social, na multiplicidade de seus aspetos, mas a sociologia, como ciência, é universal por definição. Se os sábios a têm, e ciência não tem pátria. Tinha, pois, razão Rui Barbosa quando, ao propor em 1882, a criação da cadeira de sociologia, “não rigorosamente científica, é certo, na maior parte de seus resultados, mas científica nos seus processos e nos seus intuítos”, não manifestava outro propósito senão o de desenvolver, no país, o cultivo das ciências, substituindo “a ideologia, o culto da abstração, da frase, da hipótese, pelos resultados da investigação experimental, do método científico”. Se, porém, o qualificativo nacional, em alguns desses trabalhos, não servia senão para designar o objeto (Argentina, Chile, Perú, etc.) dos estudos histórico-sociais que incidiam sobre êsses países e seus problemas, não é menos certo que em obras, como as de José Ingenieros, e, particularmente, em “Sociologia argentina” (1910), na expressão de Francisco Ayala, “uma vasta e apreciável obra de teoria sociológica, sob a inspiração das idéias, principalmente, de Spencer, Taine e Ardigó” (6), o que se pretendia, seria opor uma sociologia “argentina”, nacional, à sociologia francesa, alemã ou norte-americana, assim denominadas, aliás com grande impropriedade, para designar as correntes ou movimentos de idéias sociológicas na França, Alemanha e nos Estados Unidos que já constituíam então os principais centros de estudos e investigações sociológicas.

Êsse interesse científico pela sociologia que se apresentava em pareceres sem ressonância, como o de Rui Barbosa, no Brasil, em várias tentativas isoladas e na conferência com que Ernesto Quesada, em 1905, inaugurou seus cursos na Universidade de Buenos Aires e refutou a tese do reitor Miguel Cané que negava a essa disciplina caráter científico, não é de surpreender tivesse levado tantos anos a adquirir a força e a intensidade necessárias para lhe favorecer os progressos aos estudos teóricos e de pesquisa. Nesse largo período que se estende pela 2.^a metade do século XIX, ainda

(5) — JUAN AGUSTIN GARCIA — *Introducción al estudio de las ciencias sociales argentinas*, 1899; JOSÉ INGENIEROS — *Sociologia argentina*, 1910; AGUSTIN VENTURINO — *Sociologia chilena*, 1910; DANIEL COSIO VILLIGAS — *Lecciones de sociologia mexicana*, 1925; ROBERTO MACLEAN Y ESTENOS — *Sociologia peruana*, 1940; *Sociologia educacional del Perú*, 1944; ISAAC GANON — *Sociologia nacional*, Montevideo, 1945; ALMIR ANDRADE — *Formação da sociologia brasileira*, vol. I. Os primeiros estudos sociais brasileiros, Rio de Janeiro, 1941.

(6) — FRANCISCO AYALA — *Tratado de sociologia*, II vol. *História de la sociologia*, pg. 254, Buenos Aires, 1947.

se discutia a legitimidade da sociologia como ciência autônoma e, apesar do trabalho extremamente lúcido e fecundo de Émile Durkheim, na França, ainda se observava por tôda a parte uma grande flutuação na própria concepção desses estudos. Além disso, o espírito crítico e experimental que triunfara na Europa desde o século XVII e a que, no entanto, se mostravam avessos Portugal e Espanha, ainda aferrados à velha tradição escolástica e do ensino medieval, não havia penetrado, para transformá-la no seu conceito e no seu conteúdo, a cultura do Brasil e dos países hispano-americanos. A ciência, em quase todos os seus domínios, permanecia então ausente e bocejava em manifestações esporádicas; e não seria a sociologia, — uma ciência, discutida e negada, que havia de se levantar primeiro, quando ainda estremunhavam, nesses países, as ciências físicas e experimentais. . . Não havia, nestas condições, o que investigar e descobrir; era só ler e comentar, num ensino, pelo geral, puramente livresco, e numa cultura de importação, sem contribuições originais. Por influência dos grandes centros europeus e sob a pressão orgânica de novas instituições e novas necessidades, começa a aparecer a sociologia como matéria de ensino nas Faculdades de Direito, a cuja sombra ainda se acolhiam, ao lado das ciências jurídicas, as ciências sociais. Nesse período sobrelevam a tôdas, do ponto de vista teórico e de investigação, a obra de José Ingenieros, na Argentina (1910), os “Ensaio de sociologia e literatura” (1900) e “O Brasil social” (1908), de Sílvia Romero, no Brasil, e, sobretudo, a “Sociologia general” (1908) de Mariano Cornejo, da Universidade de Lima, no Perú, que é o trabalho mais importante de sistematização teórica ou, nas justas palavras de Francisco Ayala, “síntese esplêndida de grande erudição governada por um talento amplo e robusto”.

Sòmente no segundo quartel dêste século é que se inaugurou no Brasil e em alguns países hispano-americanos como o México, Argentina e poucos outros, uma nova fase na evolução dos estudos sociológicos na América Latina. Em nosso país essa nova fase coincide, no período de seu maior desenvolvimento, com a criação, em 1934 e 1935, das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e, sobretudo, com a colaboração efetiva em algumas dessas Faculdades, como a de São Paulo, e na Escola de Sociologia e Política, de professôres e missões estrangeiras. Antes disso, no Brasil, Oliveira Viana, em “Populações meridionais” e nos seus “Estudos de psicologia social”, e Gilberto Freyre, com “Casa grande e senzala” e “Sobrados e mucambos”, já haviam dado provas de admirável lucidês e segurança na aplicação dos métodos sociológicos e antropológicos ao estudo de aspectos de nossa evolução histórica e social, trazendo contribuições de primeira ordem à compreensão do Brasil e da formação nacional. Foram êles, certamente, com Sílvia Romero, os precursores desse movimento que não se caracteriza apenas pelo esforço de pesquisa e de colheita

de material para análises sociológicas, mas pelo espírito crítico e de objetividade, pela maturidade do pensamento sociológico, pelo gosto de repensar ou rever as teorias mais sólidamente construídas, pelo desejo de lançar à base dos trabalhos de investigação um maior equipamento teórico e pela associação do ensino e da pesquisa e constante recusa às generalizações artificiais e prematuras. Tanto no plano da sociologia teórica como no da investigação, em campos os mais diversos de exploração científica, multiplicam-se os trabalhos e monografias de valor com que se firma a reputação de vários centros de estudos e pesquisas sociológicas, na América Latina. Nesse movimento, tem sido da maior importância a colaboração de estrangeiros como, no Brasil, Horace Davis, Samuel Lowrie e Donald Pierson, americanos, na Escola de Sociologia e Política; Paul Arbousse Bastide, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Georges Gurvitch e Charles Morazé, franceses, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, e Jacques Lambert, na Faculdade da Universidade do Brasil; na Argentina, os professores espanhóis Manuel Garcia Morente e Francisco Ayala, além de Renato Treves, de origem italiana, e, no México, um grupo de espanhóis da estatura de Ricasens Siches, Medina Echavarría e José Gaós, antigo reitor da Universidade de Madri, que, nesses países, contribuíram notavelmente para dar grande impulso ao ensino e à investigação científica no domínio desses estudos.

A SOCIOLOGIA NA ARGENTINA

A fase de estudos sociais ou de alcance sociológico, na Argentina, inaugurou-se com a obra de Domingo Sarmiento, "*Facundo: civilización y barbárie*" (1845), "de todos os nossos livros clássicos, o mais rico em observações sociológicas", no julgamento exato de Raul Orgaz, seguida com um longo intervalo de quase 40 anos, do livro, publicado em 1883, "Conflicto y armonias de las razas em América". Entre os políticos e publicistas que escreveram trabalhos de real interesse social e político, por essa época, destacam-se Juan Alberdi, com seus "Ensayos sobre la sociedad" e "El crimen de la guerra", e Esteban Echeverría, com seu "Dogma socialista". Sarmiento e Alberdi que sofreram influências de teorias antropogeográficas e raciais, consideram os fatores do meio ambiente, físico e cultural (*environment*) como os determinantes do caráter do indivíduo e dos povos, e Echeverría foi dos primeiros, na América Latina, que escreveram sob a inspiração do saint-simonismo. A esse grupo de ensaístas e políticos, todos nascidos nos princípios do século XIX e cujas atividades políticas e intelectuais se iniciaram ou se desenvolveram na primeira metade desse século, sucedeu, numa tradição cultural sem quebra de continuidade, um outro punhado de pensadores, da 2.^a metade do mesmo século, e em cujas obras, algumas de grande repercussão, já aparece fortemente marcado o caráter sociológico, senão pelas orienta-

ções metodológicas certamente pelos pontos de vista e por um interesse mais vivo pela sociologia teórica ou aplicada no estudo de aspectos de vida nacional. São êles Francisco e José Maria Ramos Mejia, Carlos O. Bunge e José Ingenieros, que marcam e preenchem a fase de transição entre os pensadores políticos (fase de estudos pré-sociológicos) e a que se inaugura, ainda que com perplexidade e as mais diversas orientações, com o ensino de sociologia e as atividades universitárias (7).

Foi a Argentina um dos primeiros países da América Latina em cujos cursos universitários se introduziu a sociologia como matéria de ensino. Ao menos 30 anos antes do Brasil já se instituiu o ensino universitário dessa disciplina. A primeira cadeira de sociologia foi criada nesse país, em 1898, na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Buenos Aires, e ocupada sucessivamente por Antonio Dellepiane, francês, professor de história (1898-99), Ernesto Quesada (1904-1924), — na realidade, “o primeiro professor de sociologia, na Argentina”, na observação de Alfredo Poviña, e afinal, em 1924, por Ricardo Levene, atual titular dessa cadeira. Seguiu-se, a curtos intervalos, a criação de outras em Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1907, na Faculdade de Direito da Universidade de Córdoba, em que professaram cursos Isidoro Ruiz Moreno (1907), Enrique Martínez Paz (1908-1918), Raul Orgaz (1919-1943) e, atualmente Alfredo Poviña; em 1908, na Universidade de Buenos Aires, em que foi professor Juan Agustín García e deu cursos, como suplente, Leopoldo Maupas (8); na

-
- (7) — DOMINGO F. SARMIENTO (1811-1888) — *Facundo: civilización y barbarie*. Santiago de Chile, 1845; *Conflicto y armonia de las razas en América*, 2 vols., Buenos Aires, 1883; JUAN BAUTISTA ALBERDI (1810-1884) — *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, Valparaíso, 1852; *Ensayos sobre la sociedad*, Buenos Aires, 1898; *El crimen de la guerra*, 1945; ESTEBAN ECHEVERRÍA (1805-1851) — *Dogma socialista*; FRANCISCO RAMOS MEJIA (1847-1913) — *El federalismo argentino*, Buenos Aires, 1889; *História de la evolución argentina*, Buenos Aires, 1921; JOSÉ MARIA RAMOS MEJIA (1849-1914) — *Las multitudes argentinas*, 1899; *Kosas y su tiempo*, Madrid, 1907; CARLOS O. BUNGE — *El derecho; Principios de psicología individual y social*, 1903; *Nuestra América*, 1918; JOSÉ INGENIEROS (1877-1925) — *Sociología argentina*, Buenos Aires, 1910; *Obras completas* — revistas y anotadas por ANIBAL PONCE, Buenos Aires.
- (8) — ANTONIO DELLEPIANE (1864-1939) — *Elementos de sociología*, 1902; *Estudios de filosofía jurídica y social*, Buenos Aires, 1907; *Le progrès et sa formule*, 1912; *Les sciences et la méthode reconstructive*, 1915; ERNESTO QUESADA (1858-1934) — *La sociología*, 1904; *Las doctrinas presociológicas*, 1905; HERBERT SPENCER y sus doctrinas sociológicas, 1907; AUGUSTO COMTE y sus doctrinas sociológicas, 1910; *La sociología relativista spengleriana*, 1921; RICARDO LEVENE (1885) — *Leyes sociológicas*, 1906; *Introducción a la historia del derecho indiano*, Buenos Aires, 1924; *Notas sobre la escuela sociológica de Durkheim*, 1929; JUAN AGUSTÍN GARCÍA — *Introducción al estudio de las ciencias sociales argentinas*, Buenos Aires, 1899; *Ciudad indiana*, Buenos Aires, 1900; *Apuntes de sociología*, Buenos Aires, 1912; LEOPOLDO MAUPAS — *Caracteres y críticas de la sociología*, París, 1910; *Concepto de sociedad*, 1913; ENRIQUE MARTÍNEZ PAZ — *Los elementos de la sociología*, 1911; RAUL A. ORGAZ (1888-1947) — *Estudios de sociología*, Córdoba, 1915; *La sinergia social argentina*, 1924; *Historia de las ideas sociales en la República Argentina*, 1927; *La ciencia social contemporánea*, 1932; *Introducción a la sociología*, 2.ª ed., Buenos Aires, 1937; *Ensayos sobre las revoluciones*, Córdoba, 1945; ALFRIEDO POVINA — *Sociología de la revolución*, Buenos Aires, 1933; *La sociología como ciencia de la realidad*, Córdoba, 1939; *Curso de sociología*, Córdoba, 1945.

da Universidade de La Plata, em que foi o primeiro titular Carlos O. Bunge, e finalmente, em 1914, na da Universidade do Litoral em que, além da cadeira fundada na Universidade de Ciências Jurídicas, em Santa Fé, foi criada uma outra, na de Ciências Econômicas, em Rosário. Naquela foi professor José Oliva, nomeado em 1920, e a quem sucedeu Francisco Ayala, professor espanhol, proveniente da Universidade de Madri; e, nesta última, esteve a cadeira a cargo de diversos professôres, entre os quais Alberto Balfrich (9). Como se vê, com exceção de duas, — a que se criou, em 1908, na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Buenos Aires, e a que se inaugurou, na de Ciências Econômicas, tôdas as demais cadeiras se instalaram em Faculdades de Direito e tiveram por professôres, historiadores, juristas e advogados.

Entre todos êsses professôres, cuja produção sociológica teve, no primeiro quartel dêste século, o seu período de maior intensidade, destacam-se, pela influência que exerceram e pela excelência de suas atividades e de seus trabalhos, José Ingenieros, com sua obra de larga projeção; Ernesto Quesada, que ensinou sociologia durante vinte anos, na Universidade de Buenos Aires, e Raul Orgaz que, por mais de 25 anos, professou cursos na Universidade de Córdoba, formou discípulos e publicou numerosos estudos. Certamente, as obras publicadas nesse período, — como as dos pioneiros dêsses estudos em quase todos os países da América Latina, na primeira fase do ensino e da que precedeu a aceitação dessa matéria, nos cursos universitários, acusam, nos seus autores, salvo exceções, a falta de uma longa preparação filosófica e científica, sob a orientação de grandes mestres, capazes, por seu saber e sua experiência, de transmitir, com o espírito e os métodos da nova ciência que exige uma disciplina ascética de todos os dias, o gôsto não só dos estudos teóricos como da investigação científica. É essa uma falha sensível em todos os países hispano-americanos como no Brasil e que só pôde ser, e foi mais recentemente sanada em alguns, pelas missões de professôres estrangeiros altamente especializados, criadores de escolas e formadores de discípulos. Daí, tôdas as variedades de orientações dos mestres que se sucederam, no ensino da sociologia, numa mesma Universidade, e de uma para outra: a de José Oliva, cujo pensamento sociológico se inspira no positivismo; a de Dellepiane, que é “a reação contra o positivismo e a iniciação de uma sociologia idealista”; o pensamento francês durkheimiano, em Leopoldo Maupas e Ricardo Levene; as correntes sociológicas alemãs em Baldrich, cuja “bibliografia é tôda sôbre o pensamento germânico, sem exceção”, e em Alfredo Poviña, em que parecem pre-

(9) — JOSÉ OLIVA — *La enseñanza de la sociología*, 1943; *Sociología general*, Santa Fé, 1924; *La guerra como factor social*, 1926; FRANCISCO AYALA — *El problema del liberalismo*, México, 1941; Oppenheimer, México, 1942; *Histrionismo y representación*, Buenos Aires, 1944; *Ensayo sobre la libertad*, México, 1945; *Tratado de sociología*, 3 vols., Buenos Aires, 1947; ALBERTO BALDRICH — *Libertad y determinismo en la sociología de Max Scheier*, in *Boletín del Instituto de Sociología*, nr. 1, de Buenos Aires, 1942.

dominar; e em Raul Orgaz que oscila entre as idéias da corrente de René Worms e de Gaston Richard, na França, e as influências da sociologia norte-americana. A sociologia, porém, se a temos como ciência, é método antes de tudo; e não é somente com as especulações teóricas, aliás de suma importância, em qualquer ciência, mas com a aplicação das técnicas que nos oferece para a observação dos fatos, e se apuram, se aperfeiçoam e se renovam, e, portanto, com as atividades de pesquisa metódicamente conduzidas, que se realizam os progressos da sociologia, como dos demais domínios científicos. Em todo o caso, se é certo que a maior parte desses trabalhos se reduzem a explicações, debates acadêmicos e comentários sobre teorias e doutrinas, já se constata, na Argentina, um esforço realmente fecundo por transferir do terreno puramente teórico para o da investigação, as atividades universitárias.

A SOCIOLOGIA NO MÉXICO

Não foi sob a influência de Comte, como pode parecer à primeira vista, que nasceu a sociologia no México, em meados do século passado. Nem no México, nem no Chile, nem na Argentina, nem mesmo no Brasil. Certamente o positivismo comteano domina, em cada um desses países, uma corrente de pensamento, como o evolucionismo spenceriano inspira, na América Latina, numerosos autores. Positivismo e evolucionismo chocam-se, opõem-se e às vezes mesmo se misturam, produzindo movimentos de idéias que se desenvolvem mais ou menos sob a influência e na direção de correntes de pensamento que, irradiando-se da Europa, se espalham pela América e tiveram grande repercussão. O positivismo, introduzido no Chile por Lastarria, e continuado por Latelier e Lagarrigue; recolhido, na Argentina, por Echeverria, Ramos Mejia (José Maria) e outros; adotado por Victoriano Ayala, na República do Salvador; apresentado, no Brasil, por S. F. Muniz de Aragão, em 1858, e retomado por F. A. Brandão Junior, em "A escravatura no Brasil" (1865), escrito já sob as influências de idéias positivistas, por L. Pereira Barreto, com as "Três filosofias" (1874), Miguel Lemos, nos "Primeiros ensaios positivistas" (1877) e Teixeira Mendes, foi iniciado no México por Gabino Barreda e seguido por Porfirio Parra e Agustín Aragón que impregnaram das idéias positivistas seus estudos e trabalhos de história política e social. Mas, como observei em outra obra, do positivismo, — filosofia que abortou e se fez moral e religião, no Brasil, se tomaram, em nosso país como nos demais, da América Latina, antes as idéias filosóficas e as de reforma social e política do que os métodos positivos. Na verdade, se tomarmos em conta a estreita medida em que, no século passado, concorreram para os progressos da sociologia as concepções de Augusto Comte que tiveram grande repercussão no México e em ou-

tros países hispano-americanos, não será exagerado dizer que a sociologia só começou depois que se atenuaram as influências das idéias positivistas, aliás tão fecundas para o desenvolvimento dos estudos sociológicos, na Europa.

Da mesma forma que na Argentina, o ensino da sociologia, também no México, se instituiu e se desenvolveu nas Faculdades de Direito. Eram cursos de iniciação, para futuros advogados, que, não se estendendo, por isto, além de um ano, não davam lugar, geralmente, senão a explanações muito sumárias de teorias e doutrinas. Uma vez criadas, nos princípios do século XX, as primeiras cadeiras de sociologia, na Faculdade de Direito, da Universidade do México, e na Faculdade Livre de Direito, regeram os cursos dessa disciplina: naquela, o licenciado Cordero, e, nesta, Manuel Herrera y Lazo que, segundo a informação de Alfredo Poviña, “tomava, como texto crítico, a sociologia de René Worms”. Mas o professor que realmente imprimiu impulso aos estudos sociológicos no México, foi Antonio Caso (1883-1946), — o mais notável de todos, que, nomeado em 1915, exerceu o magistério de nossa ciência, até 1942, ou por mais de um quartel de século. Professor de sociologia e, depois, reitor da Universidade Nacional do México foi ainda por sua iniciativa que se criou, na Faculdade de Direito e de Ciências Sociais, dessa Universidade, uma cadeira de sociologia geral em que, ao tempo e depois de Antonio Caso, professaram cursos C. A. Echánove Trujillo, Samuel Ramos e José Medina Echavarría, êste, professor emigrado da Espanha. A Universidade Nacional do México passou a contar, nos seus cursos, duas cátedras de sociologia, na Faculdade de Direito e de Ciências Sociais, e a outra, de introdução à sociologia na Escola Preparatória. Lucio Mendieta y Nuñez, diretor da Revista Mexicana de Sociologia, e Daniel Cosío Villegas, que exerceu por alguns anos (1920-1925) o magistério dessa ciência, ambos professores da Universidade do México, dedicam-se aos estudos, respectivamente, de etnologia e de economia política. Um grupo de professores espanhóis de primeira ordem, como José Gaós, que foi reitor da Universidade de Madri, José Medina Echavarría, antigo professor da Universidade de Múrcia, na Espanha, e Luis Recaséns Siches (de Guatemala), que veio das Universidades de Santiago de Compostela e de Madri, trouxeram para a vida e as atividades universitárias, no México, o concurso de sua experiência e cultura, contribuindo para dar poderoso impulso às investigações científicas, no campo de suas especialidades (10).

(10) — ANTONIO CASO — *Sociología genética y sistemática*, 1925-1927; 3.ª edição, *Sociología*, 1940; *Positivismo, neo-positivismo y fenomenología*, México, 1941; LUCIO MENDIETA y NUÑEZ — *El problema agrario en México*, 1937; *La habitación indígena*, 1939; DANIEL COSÍO VILLEGAS — *Lecciones de sociología mexicana*; JOSÉ MEDINA ECHAVARRÍA — *Panorama de la sociología contemporánea*, México, 1941; *Responsabilidad de la inteligencia*, México, 1943; *Prologo al estudio de la guerra*, México, 1943; *Consideraciones sobre el tema de la paz*, México, 1945; RICASENS SICHES — *Vida humana, sociedad y derecho*, México, 1940; Wiese, México, 1943.

A SOCIOLOGIA NO PERÚ, CHILE E NOS DEMAIS PAÍSES HISPANO-AMERICANOS

A figura dominante da sociologia no Perú e uma das maiores senão a maior da América Latina, no primeiro quartel do século XIX, é Mariano H. Cornejo (1866-1942), professor na Universidade de Lima, cuja obra fundamental, — *“La Sociología General”* (1908) julga Francisco Ayala “tão rica, tão complexa, tão carregada de materiais que seria vão o intento de compendiá-la em poucas linhas; uma obra que já pode ser considerada como uma suma do saber sociológico de uma época. Basta repetir que o esforço sistematizador de Cornejo não tem igual no campo da cultura hispânica e que, por êle, corresponde à sua personalidade um posto muito singular na história de nossa disciplina, com referência ao seu cultivo em língua espanhola”. Em *“Sociologia General”*, de fato, passa Cornejo em revista e submete a uma análise crítica, realizando importante trabalho de sistematização, os principais pontos de vista e as doutrinas correntes ou dominantes, na época, em França, na Inglaterra, na Alemanha, e nos Estados Unidos. O positivismo comteano e o evolucionismo de Spencer constituíram, para êle, uma das maiores fontes de inspiração. No Perú em que o ensino da sociologia foi introduzido, como na Argentina, nos princípios do século XX, destacou-se ainda, embora sem a projeção que alcançou Mariano Cornejo, o professor Roberto Mac-Lean y Estenós, da Universidade Mayor de San Marcos que nos deixou, entre outros, um estudo sobre a evolução histórica, política e social da nação peruana, desde suas origens até nossos dias, e uma visão panorâmica da educação em seu país. No Chile, em que os estudos pròpriamente sociológicos foram precedidos de obras, algumas excelentes, de fundo positivista e de história política e social, como sobretudo as de José Victorino Lastarria (1817-1888), Valentin Letelier (1852-1919) e Juan Enrique Lagarrigue (1852), a sociologia tomou maior incremento com as análises e as investigações de Agustín Venturino sobre a história de seu país e da América e sobre as populações primitivas chilenas e americanas (11).

(11) — MARIANO H. CORNEJO — *Sociología general*, 2 vols. Madri, 1908-1910; trad. francesa, com Introdução de René Worms, París, 1911; *La guerra desde el punto de vista sociológico*, 1930; ROBERTO MAC-LEAN y ESTENÓS — *La ciudad y el campo*. Sociología urbana e rural. La Habana, Cuba, 1938; *Sociología*, Lima, Perú, 1939; *Sociología peruana*, Lima, 1944; JOSÉ VICTORINO LASTARRIA — *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista; La América; Lecciones de Política Positiva; Historia de médio siglo*; VALENTIN LETELIER — *De la ciencia política en Chile, 1886; De la evolución de la história, 1900; Genesis del Estado y sus instituciones fundamentales*, Buenos Aires, 1919; *El hombre antes de la historia; Vida de Emilio Littré*; JUAN ENRIQUE LAGARRIGUE — *La religion de la humanidad, 1882; Las leyes de la história; La verdadera política; Nociones de sociología*, 1926; AGUSTÍN VENTURINO — *Sociología Chilena*, Barcelona, 1919; *Sociología primitiva chilena-indiana*, 2 vols. Barcelona, 1927-1928; *Sociología general americana*, Barcelona, 1930; *Aborígenes de Suramerica*, Barcelona, 1930; *Sociología general; La interdependencia*, Barcelona, 1935.

Se a estes pensadores políticos, historiadores e professores de sociologia, na Argentina, no México, no Perú e Chile, acrescentarmos os nomes de Carlos Maria Prando e Isaac Ganon, no Uruguai; de Cecilio Beéz, que escreveu sob as influências das idéias de H. Spencer, e de Justo Prieto, reitor da Universidade de Assunción, no Paraguai; de Bustamante, Arteba e José Antonio Arze, da Universidade de La Paz e de Sucre, na Bolívia; de Luis Bossano, no Equador; de José Rafael Mendoza e Cristobal Bénitez, em Venezuela; de Luis Lopes de Mesa e Germán Arciniegas, na Colômbia; de Juan Clemente Zamora e Roberto Agramonte, professor da Escola de Filosofia e Letras, da Universidade de Havana, em Cuba, teremos o quadro, certamente ainda incompleto, de professores e principais trabalhadores no campo de sociologia, na América Espanhola. Em quase todos esses países, o ensino da sociologia se iniciou, segundo já observamos, nas Faculdades de Direito, como no Uruguai, em que a primeira cadeira foi criada em 1915 na Faculdade de Direito e de Ciências Sociais, de Montevideo, e ocupada, desde que foi incluída no plano de estudos, por Carlos Maria Prando (1915-1943) a quem sucedeu Isaac Ganón, em 1944; nas duas Universidades de La Paz e de Sucre, na Bolívia; em Equador, na Universidade Central de Quito e na de Guayaquil; na Universidade Central de Caracas, e na Faculdade de Direito e Ciências Políticas, de Bogotá, na Colômbia. A maior parte dos trabalhos desses mestres são de natureza e aplicação didática (manuais, tratados, etc.) ou se mantêm no terreno doutrinário, de sistematização, de vistas gerais ou de análise e história social e política. Mas, a não ser em um ou outro desses países, ainda não se introduziu, no ensino da sociologia, o espírito científico, isto é, crítico e experimental ou, por outras palavras, não entrou na rotina universitária o trabalho de investigação nem se associou o ensino à pesquisa, para a aplicação do espírito e dos métodos sociológicos à observação e à análise de aspectos ou setores determinados da realidade social. O Instituto Boliviano de Sociologia, que é dirigido por José Antonio Arze, na Universidade de S. Francisco Xavier, em Sucre, não parece organizado para se constituir num centro de investigações sociológicas e de antropologia cultural (12).

(12) — ISAAC GANÓN — *Sociología. Objeto, métodos, orientaciones, didáctica*, Montevideo, 1944; *Sociología nacional*, Montevideo, 1945. CECILIO BEÉZ — *Principios de sociología*, (sem data); JUSTO PRIETO — *La sociología, su historia y su estado actual*, 1927; *La sociología, disciplina científica*, 1930; *Síntesis sociológicas*, Buenos Aires, 1937; *Los problemas generales de la sociología*, Buenos Aires, 1943; *La vida indomita de Augusto Comte*, 1944; BUSTAMANTE — *Principios de sociología*, 1909; JOSÉ ANTONIO ARZE — *Bosquejo sociodialectico de la historia de Bolivia*, 1940; LUIS BOSSANO — *Los problemas de la sociología*, 1941; JOSÉ RAFAEL MENDOZA — *Manual de sociología*, 1934; *Sociología ideológica y moral*, 1938; CRISTOBAL BENITEZ — *Los horizontes de la política*, 1926; *Sociología política*, 1938; LUIS LOPEZ DE MESA — *De como se ha formado la nacion colombiana*, 1930; *Dissertacion sociológica*, 1939; GERMAN ARCINIEGAS — *América, tierra firme*, Losada, Buenos Aires, 1944; JUAN CLEMENTE ZAMORA — *El proceso histórico*, La Habana, 1930; ROBERTO AGRAMONTE — *Tratado de sociología*, La Habana, 1935; *Sociología*, 2 vols., 3.ª ed., La Habana, 1940; *Introducción a la sociología*, 1943.

A SOCIOLOGIA NO BRASIL

(*O ensino e as pesquisas sociológicas no Brasil*)

Na história da sociologia no Brasil podemos distinguir três fases, das quais a primeira se estende da 2.^a metade do século XIX até 1928, anterior ao ensino e à pesquisa; a segunda, a da introdução do ensino dessa matéria em escolas do país (1928-1935), e a terceira, em que entramos desde 1936, a da associação do ensino e da pesquisa, nas atividades universitárias. No primeiro período, — o mais dilatado de todos, surgem, a longos intervalos, estudos e trabalhos em que aparecem, na interpretação da história geral ou literária, idéias e tendências sociológicas, orientadas em direções diversas. São obras antes literárias e históricas do que sociológicas em que já se acusa uma penetração maior ou menor, geralmente superficial, do espírito e das idéias correntes da ciência social, ainda em formação, dominantes nos meados do século XIX. As influências que parecem preponderar nesses trabalhos, de valor e orientações diferentes, são o positivismo (Comte e Littré), sob cuja inspiração escreveu F. A. Brandão Junior "A escravatura no Brasil" (1865); o evolucionismo (Spencer, De Greef, Gumplovicz, etc.), segundo o qual se nortearam Sílvio Romero, a princípio, e Alberto Sales, e, finalmente, a escola antropológica italiana (Sighele, Rossi, Ferri) e as teorias antropogeográficas. De modo geral, e salvo raras exceções, como as de Sílvio Romero sobre o folclore, o conjunto dessas obras e atividades converge todo êle a caracterizar a sociologia como insulada em teorias, acolhidas como definitivas, ou uma ciência feita e acabada, quando a verdade é que a sociologia, em todo êsse período, da 2.^a metade do século passado, estava ainda constituindo-se e lutava por se impor, como ciência autônoma, com seu objeto e métodos próprios. É o que também se constatou, em graus variáveis, conforme tivemos ocasião de observar, em diversos países hispano-americanos, como a Argentina o Chile e o México.

Dentro dessas correntes de pensamento, então predominantes na Europa, e das várias direções para onde se encaminhavam, escreveram, entre outros, Sílvio Romero que procura interpretar a história do Brasil, a literatura e o direito segundo o evolucionismo spenceriano, e manifesta, na última fase de sua obra, em "Ensaios de sociologia e literatura" (1900) conhecimentos das idéias e dos métodos de Fr. Le Play que cuida de aplicar em estudos que não chegou a publicar, "O Brasil social" (1908); Alberto Sales, que em "Ciência Política" apresenta pontos de vista sociológicos de inspiração spenceriana; Fausto Barreto, em seu ensaio "O heackelismo em sociologia"; Lívio de Castro, em seu livro de estudos bio-sociais, "A mulher e a sociogenia", e, por último, Paulo Egídio, com quem, pela primeira vez, no Brasil, e antes de 1900, surge a tendência dur-

kheimiana, è que, em “Estudos de sociologia criminal” e em “Introdução filosófica à sociologia” (folheto), aplicou à sociologia jurídica pontos de vista de “La Division du travail social”, de Emile Durkheim. A Sílvio Romero deve-se ainda, além de seus trabalhos, o início, por largo tempo sem seguidores, da pesquisa organizada e cientificamente elaborada do folclore, sôbre que nos deixou dois estudos fundamentais. A primeira grande obra, por certo, mais literária do que sociológica, mas escrita sob a inspiração bio-sociológica e antropogeográfica e apoiada sôbre larga base de conhecimentos e observações científicas, — é, porém, o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, que analisa o choque de culturas nos sertões da Bahia. Nos ensaios políticos de Alberto Tôrres já se encontram também pontos de vista nitidamente sociológicos. É no entanto, com Oliveira Viana, em “Populações meridionais do Brasil” e “Evolução do povo brasileiro”, e mais tarde, com Gilberto Freyre, em “Casa grande e senzala” (1933) e “Sobrados e mucambos”, que tem início realmente, e de forma brilhante e fecunda, os modernos estudos da sociologia em nosso país. O primeiro, sofreu a influência das teorias raciais e, sobretudo, da antropogeografia e da Escola da Ciência Social, como se verifica nesses trabalhos e, especialmente, em seus “Estudos de psicologia social”; o segundo escreveu suas duas obras fundamentais sôbre a formação e a decadência da família patriarcal brasileira, com orientação baseada principalmente na ecologia humana e na antropologia cultural anglo-americana. É que Gilberto Freyre fêz seus estudos na América do Norte com Franz Boas e outros, tendo sido o primeiro brasileiro que, em cursos universitários, se especializou no campo da antropologia cultural. Dando-se o balanço a tôdas as publicações, algumas notáveis, anteriores ao estabelecimento do ensino da sociologia no Brasil, verifica-se que os únicos trabalhos teóricos sôbre ciências sociais são os de Paulo Egídio, em São Paulo, e, no Rio, os de Pontes de Miranda que, com Sílvio Romero, podem ser considerados os precursores da sociologia no Brasil (13).

(13) — SÍLVIO ROMERO (1851-1914) — *Contos populares do Brasil*, Rio de Janeiro, 1882; *Cantos populares do Brasil*; *Etnografia brasileira*, 1888; *Ensaio de sociologia e literatura*, 1900; *O Brasil social*, 1908; ALBERTO TÔRRES — *O problema nacional brasileiro*, Itio de Janeiro, 1914; *A organização nacional*, Rio de Janeiro, 1914; *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915; EUCLIDES DA CUNHA — *Os Sertões*; *A margem da história*; *Contrastes e confrontos*; FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA VIANA — *Populações meridionais do Brasil*, S. Paulo, 1920; *Pequenos estudos de psicologia social*, S. Paulo, 1921; *O ocaso do Império*, 1926; *Raças e assimilação*, S. Paulo, 1932; *Evolução do povo brasileiro*, S. Paulo, 1933; *As novas diretrizes da política social*, 1939; GILBERTO FREYRE — *Casa grande e senzala*, 1.º ed., Rio, 1933; trad. em espanhol de Benjamin de Garay, Buenos Aires, 2.º ed. 1943; *Sobrados e mucambos*, São Paulo, 1936; *Nordesto*; *Região e tradição*, Rio, 1941; *Sociologia*, 1.º e 2.º vols., Rio de Janeiro, 1945; PONTES DE MIRANDA — *Introdução à política científica*, Rio de Janeiro, 1924; *Introdução à sociologia geral*, Rio de Janeiro, 1926; *Método de análise socio-psicológica*, Rio de Janeiro, 1926; *Os novos direitos do homem*, Rio de Janeiro, 1933; *Democracia, liberdade, igualdade*, Rio de Janeiro, 1945.

Esta foi a primeira fase, em que o pensamento sociológico e político, recolhido em fontes diversas, a princípio tênue e difuso, e mais tarde já fortemente acentuado, precedeu no país, como aliás por tôda a parte, o ensino da sociologia, informando obras de análise e interpretação social, mais ou menos de acôrdo com idéias dominantes na época, sobretudo na Europa. A maior parte senão a quase totalidade dos escritores que se utilizaram de pontos de vista sociológicos, eram auto-didatas, eruditos ou diletantes que cediam a influências variáveis e sucessivas de obras que lhes caíam nas mãos e passavam a ser as fontes inspiradoras de seus trabalhos. Mas, pelo interêsse manifestado por pensadores e sociólogos estrangeiros, cujas idéias foram os primeiros a tornar conhecidas entre nós, ou pelo valor verdadeiramente notável de suas obras, como no caso de Oliveira Viana e Gilberto Freyre, entre outros, contribuíram para desenvolver, nos meios culturais do país, o interêsse pelos estudos e pesquisas sociológicas. São, como já disse, os precursores ou pioneiros da nova ciência no Brasil. A êsse período sucedeu, com grande atrazo em relação a quase todos os países da América Latina, o da introdução do ensino de sociologia que remonta a 1925-1928, quando foram criadas no Colégio Pedro II a primeira cadeira de sociologia (14), que esteve a cargo de C. Delgado de Carvalho, e, em 1928, mais duas, uma, na Escola Normal do Distrito Federal, por iniciativa de Fernando de Azevedo, e outra, na Escola Normal de Recife, por inspiração de Gilberto Freyre e proposta de Carneiro Leão. Em 1933 é fundado, em São Paulo, o Instituto de Educação e neste, a cadeira de sociologia geral e educacional, introduzida, em 1931, no Curso de Aperfeiçoamento, instituído por M. B. Lourenço Filho, e regida, desde o começo por Fernando de Azevedo, por cuja iniciativa foram criadas, no Código de Educação (1933), cadeiras de sociologia, especialmente de educação, nos cursos de formação profissional de professores, em tôdas as Escolas Normais

(14) — É certo que a reforma Benjamin Constant (1891) já havia incluído uma cadeira de "sociologia e moral", no sétimo e último ano da escola secundária, em cujo plano de estudos se introduziu, e na mesma ordem, toda a série hierárquica das ciências, segundo a classificação de A. Comte. Mas, além de englobar, numa mesma cadeira, "sociologia e moral" e de reduzir a um semestre o ensino das duas matérias (o que equivalia a instituí-lo apenas no papel), essa reforma ou não foi posta em prática ou, no que dizia respeito ao ensino secundário e normal, foi abandonada depois de alterações essenciais. Foi a reforma Rocha Vaz, em 1925, que estabeleceu, na sexta série do curso ginásial, o ensino de sociologia. O curso ginásial, indispensável para o ingresso em escola superior, era então de cinco séries, em consequência dessa reforma, e só para os interessados em obter o diploma de bacharel em ciências e letras é que se exigia a sexta série em que figurava o ensino de sociologia. As modificações introduzidas, em 1929, no currículo do ensino secundário não atingiram a cadeira de sociologia que se conservou no sexto ano, em cursos complementares de preparação às escolas superiores. A reforma Francisco Campos (1931), que dividiu o ensino secundário em dois cursos, — ginásial, de cinco anos, e complementar, de dois anos, manteve nas três seções dêste o ensino de sociologia que foi afinal suprimido nas escolas secundárias em 1942, pela reforma Gustavo Capanema.

do Estado de São Paulo. Ainda, no mesmo ano de 1933, inauguram-se os novos cursos de sociologia, na Escola Livre de Sociologia e Política, — instituição particular fundada em São Paulo, por essa época, e onde sempre teve destaque o ensino dessa matéria.

Ao contrário do que se deu nos países hispano-americanos em que o ensino da sociologia começou, em geral, nas Faculdades de Direito (de Ciências Jurídicas e Sociais ou Jurídicas e Políticas), foi pelo Colégio Pedro II e pelas Escolas Normais, do Distrito Federal, de Recife e de São Paulo, que se iniciou no Brasil, penetrando somente em 1933, no ensino superior, pela Escola Livre de Sociologia e Política, e em 1934 e daí por diante, no ensino universitário, com a incorporação do Instituto de Educação à Universidade de São Paulo, e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, — a primeira que se instalou, no país, com a fundação dessa Universidade. É certo que nas Escolas Normais de São Paulo e em outras de diversos Estados, em que se criaram cadeiras dessa disciplina, o ensino da sociologia, entregue, nos começos, a professôres em geral improvisados e auto-didatas, e, portanto, a divagações mais ou menos literárias sôbre doutrinas duvidosas ou já ultrapassadas e a disputações escolásticas, se ressentiu profundamente por largo tempo da falta de especialistas devidamente preparados para êsse magistério. Não fôsem, de um lado, a fundação da Escola de Sociologia e Política e a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, — a de São Paulo, em 1934, e a do Distrito Federal, em 1935, e, de outro, o concurso das missões de professôres estrangeiros, em São Paulo e no Rio, e o ensino de sociologia se teria arriscado a comprometer-se gravemente quanto à sua solidez, eficiência e orientação. Fato por ventura o mais característico de todos, na história do ensino da sociologia, no Brasil, é o impulso recebido da colaboração inestimável de professôres estrangeiros entre os quais se destacam mestres como, em São Paulo, Horace Davis, Samuel Lowrie, e Donald Pierson, norte-americanos, na Escola de Sociologia e Política; P. Arbousse Bastide, C. Lévi-Strauss, Roger Bastide, G. Gurvitch e Charles Morazé, franceses, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, e, no Rio de Janeiro, Jacques Lambert, além de professôres visitantes, como Radcliff-Brown, que professaram cursos especiais de sociologia e antropologia cultural. Foi essa colaboração um dos fatores que mais concorreram para que o ensino de sociologia tomasse logo o caráter científico e se elevasse a um alto nível, abrindo perspectivas em direções diversas, com a predominância, na Escola de Sociologia e Política, da influência norte-americana que se enriqueceu com a experiência de Radcliff-Brown, antropólogo inglês, entre outros, e, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sob o influxo principal da escola durkheimiana, já existente entre nós, embora retificada em certos pontos e largamente completada em outros

pelas contribuições de correntes modernas de pensamento, da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos.

Inaugurou-se então, com a participação de professores franceses e americanos, um período de efervescência e atividade intelectual, realmente fecundo para os estudos sociológicos no país. Em 1935 fundaram-se, em São Paulo, a Sociedade de Sociologia de São Paulo, hoje Sociedade Brasileira de Sociologia, e a Sociedade de Etnologia e Folclore, e, logo em seguida, no Rio de Janeiro, o Clube de Sociologia da Universidade do Distrito Federal e a Sociedade de Etnologia e Antropologia. Surge, por iniciativa de Emílio Willems, professor de antropologia, a revista "Sociologia", ainda a única que sobre a matéria circula no país. Em nível universitário, criaram-se, sucessivamente, outras cadeiras de sociologia, na Universidade do Rio de Janeiro, que absorveu a do Distrito Federal, em vários Institutos de Educação e Escolas Normais do país, nas Faculdades de Filosofia, mais recentes, da Bahia, de Minas e do Rio Grande, não só oficiais como particulares e, entre estas, nas Escolas das duas Universidades Católicas, do Rio e de São Paulo. Instituíram-se bolsas de estudos, e muitos estudantes já puderam fazer cursos de aperfeiçoamento e especialização no estrangeiro, e, particularmente, na França, Inglaterra e nos Estados Unidos. Em 1936, Giberto Freyre, que se encarregara dos cursos na Universidade do Distrito Federal, criada por Anísio Teixeira, publica "Sobrados e Mucambos" e logo após o "Nordeste", continuando suas análises sobre a formação e evolução da sociedade patriarcal brasileira, iniciadas com extraordinário sucesso em 1933, com "Casa Grande e Senzala", — o livro de maior repercussão no país, depois de "Os sertões", de Euclides da Cunha. Em 1935 publica Fernando de Azevedo, da Universidade de São Paulo, os seus "Princípios de Sociologia" e, em 1940, a "Sociologia Educacional", logo depois, em 1942, traduzida para o espanhol, em que, embora sejam consideradas tôdas as correntes do pensamento sociológico, se sente mais forte a inspiração durkheimiana. Pioneiro desses estudos e o primeiro professor de sociologia que teve o país, — C. Delgado de Carvalho acrescenta a seus trabalhos anteriores (1931-1933) a "Sociologia Educacional", a "Sociologia e a Educação" e a "Sociologia Experimental" (1934). Ainda no Rio de Janeiro, Carneiro Leão publica, em 1940, "Fundamentos de Sociologia" e "Sociologia Rural", sob a influência de correntes norte-americanas. Os problemas teóricos de sociologia são examinados também, de pontos de vista e segundo orientações diversas, nos trabalhos de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), com a "Preparação à Sociologia" (1931) e "Problemas da burguesia" (1932), nos estudos de L. A. Costa Pinto, da Universidade do Brasil e nos ensaios de Pinto Ferreira e Mário Lins, de Recife, Pernambuco, os quais se dedicam à análise

dos fenômenos compreendidos por Leopold von Wiese, sob a denominação de espaço social (15).

Fruto daquela colaboração e dessas atividades que se desenvolveram em vários pontos do país (Rio de Janeiro, Recife) e fizeram de São Paulo o principal centro de atividades de estudos e investigações sociológicas, é a tendência cada vez mais acentuada à associação da teoria e da pesquisa, do ensino e da investigação. É essa tendência que assinala mais fortemente a terceira fase da história dos estudos sociológicos no Brasil. Embora o ensino dessa disciplina tenha sido introduzido nos cursos universitários do país, somente depois de sua aceitação em quase todos os países da América Espanhola, foi no Brasil, em Recife e no Rio de Janeiro, com Gilberto Freyre, L. A. Costa Pinto e A. Guerreiro Ramos, e especialmente em São Paulo, onde já existe um grupo excelente de pesquisadores, que tomaram maior impulso os trabalhos de investigação científica no campo da sociologia e da antropologia cultural. É certo que a associação do ensino e do trabalho de campo, não se fez senão lentamente, quer por falta de especialistas com sólida formação científica e adestrados nas técnicas de investigação, quer pela ausência de estímulos aos professores e de dotações orçamentárias para a pesquisa, quer ainda pelas prevenções contra essa ciência, — embora já, em grande parte, quebradas, — devidas à incompreensão e à incultura geral que permitiam confundir sociologia e filosofia social, sociologia e socialismo. Mas, a colaboração de missões culturais estrangeiras, sobretudo da França e da América do Norte; os cursos metódicos e intensivos de ciências sociais, na Escola de Sociologia e Política e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de S. Paulo; as atividades científicas de professores já formados naquela Escola e nesta Faculdade (16);

(15) — FERNANDO DE AZEVEDO — *Princípios de Sociologia*, São Paulo, 1.ª ed., 1935; 5.ª ed., 1950; *Sociologia Educacional*, S. Paulo, 1.ª ed., 1940; 2.ª ed., 1950; ed. em espanhol, 1.ª ed., 1942, 2.ª ed., 1946, Fondo de Cultura Económica, México; C. DELGADO DE CARVALHO — *Sociologia*, Rio, 1931; *Sociologia educacional*, S. Paulo, 1933; *Sociologia e educação*, Rio, 1933; *Sociologia Experimental*, Rio, 1934, *Sociologia aplicada*, Rio, 1935; A. CARNEIRO LEÃO — *Fundamentos de Sociologia*, Rio, 1940; ed. em espanhol, Buenos Aires, 1945; *Sociologia rural*, Rio, 1941; ALCEU AMOROSO LIMA — *Preparação à sociologia*, Rio, 1931; *Problemas da burguesia*, Rio, 1932; *Idade, sexo e tempo*, Rio, 1932; ed. em espanhol, *Las edades del hombre*, Buenos Aires (sem data); MÁRIO LINS — *Espaço, tempo e relações sociais*, Rio, 1940; *Introdução à sociologia social*, Rio, 1940; LUIS PINTO FERREIRA — *Introdução à sociologia religiosa*, Recife; *Análise científica do espaço social*, Recife; *Introdução à dinâmica social*, Fortaleza; *Teoria do espaço social*, Rio, 1930.

(16) — Entre esses professores da nova geração, graduados pela Escola de Sociologia e Política ou licenciados pela Faculdade, já se destacaram, no ensino e no campo da pesquisa, EGON SCHADEN, com seu "Ensaio etnosociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil"; LOURIVAL GOMES MACHADO, autor de "Alguns problemas do objeto, método e divisões da ciência política" e de "O tratado de Direito Natural de Tomaz Antônio Gonzaga"; ANTONIO CANDIDO DE MELLO E SOUZA, que se vem especializando em sociologia da educação ("A estrutura social da escola") e em aculturação; FLORESTAN FERNANDES, com importantes estudos sobre folclore e a "Organização Social dos Tupinambá" (1948), todos esses, assistentes da Faculdade de Filosofia, de São Paulo; MÁRIO WAGNER, da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas; OTÁVIO DA COSTA EDUARDO, com seus trabalhos sobre os negros no Maranhão; ORACY NOGUEIRA, que estudou as rela-

a extensão do regime de tempo integral às cadeiras de sociologia, na Faculdade de Filosofia, de S. Paulo e a criação, nessa mesma Faculdade, do primeiro Departamento de Sociologia e Antropologia, tem contribuído cada vez mais para uma íntima e fecunda associação do ensino e da pesquisa e para o alargamento do campo de investigações científicas, em todos os setores nesse domínio de estudos. Com maior equipamento teórico, de princípios sólidos e coerentes, e sob o influxo fertilizante da pesquisa, o ensino da sociologia tomou pé e tende a atingir a plenitude de sua maturidade, no trabalho de criação, acima das disputas acadêmicas de escolas.

É a sociologia dos povos primitivos, iniciada no Brasil por von den Steinen (1888), Wilhelm Schmidt e Theodor Koch-Grünberg e retomada, já no século XX, por Colbacchini e particularmente por Kurt Nimuendajú, sobre os Canela orientais, que parece ainda despertar maior interesse dos pesquisadores. Essas investigações tomam novamente caráter científico com os trabalhos de etnólogos do valor de Herbert Baldus sobre os Kaingang, os Tapirapé e os Tereno; de Cl. Lévi-Strauss, sobre a organização social dos Bororo; e com os estudos de Egon Schaden, sobre a mitologia heróica de algumas tribos aborígenes do Brasil, de Florestan Fernandes, sobre a organização social dos Tupinambá e de Kalervo Oberg sobre a estrutura econômica dos grupos tribais aborígenes de Mato Grosso. Além desses pesquisadores de S. Paulo, surge, no Paraná, Loureiro Fernandes, diretor do Museu Paranaense, que explora o mesmo campo de investigação, em que continuam a trabalhar Roquette Pinto e Heloisa Tôrres que lhe sucedeu na direção do Museu Nacional. Na Universidade do Brasil, Artur Ramos, retomando as pesquisas de Nina Rodrigues, prossegue em seus estudos sobre os negros do Brasil, sua distribuição, seus costumes e suas culturas primitivas. Essas obras e os trabalhos fundamentais de Emílio Willems sobre a aculturação dos alemães e seus descendentes; as investigações de Horace Davis sobre o padrão de vida das famílias operárias de São Paulo (1938); os estudos de Roger Bastide sobre a cultura afro-brasileira, principalmente sob o aspecto religioso; as pesquisas de Samuel Lowrie sobre a emigração e movimentos da população, em S. Paulo; as de Donald Pierson sobre a habitação e níveis de vida em S. Paulo e sobre os negros na Bahia, e as atividades de professores da nova geração, entre os quais se destacam Egon Schaden, Florestan Fernandes, Antônio Cândido e Lourival Gomes Machado, marcam tão notáveis progressos no domínio da investigação sociológica e antropológica que já se pode considerar a pesquisa definitivamente incorporada, como elemento essencial,

ções sociais entre os tuberculosos e A. RUBBO MÜLLER, com suas pesquisas sobre folclore, estes três últimos, da Escola de Sociologia e Política. A estes seria justo acrescentar ainda os nomes de OSVALDO ELIAS XEDDEI, dedicado aos estudos de folclore, GILDA DE MELLO E SOUZA, que já se impôs, nos domínios do folclore e sociologia estética, e GIOCONDA MUSSOLINI, na sociologia primitiva.

ao ensino e às atividades universitárias (17). Mas, neste último decênio que se caracteriza pelo desenvolvimento da pesquisa científica como pela difusão dos estudos sociológicos, realizados com mais segurança e maiores resultados, não se retardou, antes acelerou-se o ritmo de produção quer no domínio teórico, quer no de obras de análise e interpretação social, com que se tem procurado projetar uma luz mais viva sobre aspectos de nosso passado e alguns de nossos problemas fundamentais. Entre outros, Gilberto Freyre, com os "Inglêses no Brasil"; Caio Prado Júnior, com seus estudos sobre história econômica; Sérgio Buarque de Holanda que nos faz descer, com suas análises, às raízes do Brasil; Nelson Werneck Sodré que examina no "Oeste", a formação da sociedade pastoril; Fernando de Azevedo, com "A Cultura Brasileira", "Canaviais e engenhos" e outras obras, Costa Pinto, com as "Lutas de famílias no Brasil colonial", e Victor Nunes Leal, trazem novas contribuições aos estudos sociológicos e à inteligência da história do país (18).

FERNANDO DE AZEVEDO

Professor da Cadeira de Sociologia (II)
(U.S.P.).

- 17) — HERBERT BALDUS — *Ensaio de etnologia brasileira*, S. Paulo, 1937; CLAUDE LEVI-STRAUSS — *A organização social dos Bororo*, in *Revista do Arquivo Municipal*, S. Paulo, 1937; EGON SCHADEN — *Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil*, S. Paulo, 1946; FLORESTAN FERNANDES — *A organização social dos tupinambá*, S. Paulo, 1949; *A função social da guerra na sociedade dos Tupinambá*, 1950; ROQUETTE PINTO — *Rondônia*, S. Paulo, 1935; *Ensaio de antropologia brasileira*, S. Paulo, 1933; ARTUR RAMOS — *O Negro brasileiro*, Rio, 1940; *Folclore negro no Brasil; As culturas negras no Novo Mundo; Introdução à Antropologia brasileira*, 1947; EMILIO WILLEMS — *Dicionário de sociologia e etnologia*. Em colaboração com Herbert Baldus, São Paulo, 1939; *Assimilação e populações marginais do Brasil*, S. Paulo, 1940; *A aculturação dos alemães no Brasil*, S. Paulo, 1946; ROGER BASTIDE — *Psicanálise do Cafunê — Ensaio de sociologia estética*, Curitiba, 1941; *Imagens do Nordeste místico*, Rio, 1945; *Arte e sociedade*, S. Paulo, 1945; *Estudos Afro-Brasileiros — 1.ª série*, S. Paulo, 1946; *Sociologia e psicanálise*, S. Paulo, 1948; DONALD PIERSON — *Negrees in Brazil: A study of race contact at Bahia*, Chicago, 1942; *O candomblé da Bahia*, S. Paulo, 1942; A. GUERREIRO RAMOS — *Sociologia do orçamento familiar*. Departamento Administrativo do Serviço Público. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950.
- (18) — GILBERTO FREYRE — *Região e tradição*, Rio de Janeiro, 1941; *Inglêses*, Rio, 1942; *Interpretação do Brasil*, Rio, 1947; *Os Inglêses no Brasil*, Rio de Janeiro, 1948; CAIO PRADO JÚNIOR — *Formação do Brasil contemporâneo*, S. Paulo, 1945; *História Econômica do Brasil*, 1945; SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA — *Raízes do Brasil*, Rio, 1936, 2.ª ed., 1948; NELSON WERNECK SODRÉ — *Formação da sociedade Brasileira*, Rio, 1944; *O oeste — Formação da sociedade pastoril*, Rio, ...; FERNANDO DE AZEVEDO — *Sociologia educacional*, S. Paulo, 1940; tradução em espanhol, *Sociologia de la educacion*, Fondo de Cultura Económica, México, 1.ª ed., 1942, 2.ª ed., 1946; *A cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil*, Rio, 1943, 2.ª ed., S. Paulo, 1944; edição em inglês, *Brazilian Culture*. The Macmillan Company, New York, 1950; *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*. Ensaio sociológico do elemento político na civilização do açúcar, Rio, 1949; *Um*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARES ANDREWS (OSCAR) — *Introducción a la sociología americana.* in *Revista Mexicana de Sociología*, 4. 7-22, 1942.
- AYALA (FRANCISCO) — *La sociología en el ámbito de la cultura hispánica, Su problema.* in *Tratado de sociología*. vol. I. *História de la sociología*. Capitulo Septimo. pg. 241-262. Editorial Losada. Buenos Aires. 1947.
- BASTIDE (ROGER) — *Sociology in Latin América.* in *Twentieth Century Sociology*. Edited by Georges Gurvitch and Wilbert E. Moore. Chapter XXI. pags. 615-637. The Philosophical Library, New-York, 1945.
- BERNARD (L.L.) — *Topical Summaries of current literature: Sociology in Argentina.* in *The American Journal of Sociology*. vol. XXXIII. N.º 1. July, 1927; *The development and present tendencies of sociology in Argentina.* in *Social Forces*. Vol. VI, N.º 1, September, 1927; *Latin America.* in *Intruduction. II — The social sciences as disciplines.* *Encyclopaedia of Social Sciences*. I pg. 301-320.
- FREYRE (GILBERTO) — *Factores sociales en la formación de la sociología brasileña.* in *Boletín del Instituto de Sociología.* Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Número I. pgs. 9-13, Buenos Aires, 1942.
- GANON (ISAAC) — *La enseñanza superior y la sociología (en Uruguay).* in "*Sociología*", pg. 125-149. Editorial Amerindia (sem data).
- POVIÑA (ALFREDO) — *La sociología en las Universidades argentinas,* in *Notas de sociología.* Imprenta de la Universidad, Córdoba, 1935. pg. 105-133; *Historia de la sociología in Latinoamérica,* Fondo de Cultura Económica, México, 1941; *La sociología en las Universidades Americanas.* in *Boletín del Instituto de Sociología.* Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Número 1, pg. 25-35. Buenos Aires, 1942.
- RAMOS (A. GUERREIRO RAMOS) e GARCIA (EVALDO DA SILVA) — *Noticias sobre as pesquisas e os estudos sociológicos no Brasil (1940-1949).* Com especial referência a migrações, contatos de raça, colonização e assuntos correlatos. Conselho de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro, 1949.
- RAPPORT sur la sociologie contemporaine au Brésil. Congrès de l'Institut International de Sociologie, Paris, 1937. cf. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo.* Vol. XLVIII, S. Paulo, 1937.

trem corre para o Oeste. Estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional, São Paulo, 1950; L. A. COSTA PINTO — *Problèmes démographiques contemporains.* Em colaboração com Jacques Lambert, Rio de Janeiro, 1944; *As lutas de família no Brasil colonial,* S. Paulo, 1948; VICTOR NUNES LEAL — *Coronelismo, voto e enxada.* O município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro, 1949.

TRUJILLO (CARLOS A. ECHANOVE) — *Notas sobre la enseñanza de la sociología en América del Sur.* in *Revista de la Escuela Nacional de Jurisprudencia.* t. III, n.º 11, julio-septiembre, México, 1941, pg. 293-303; in *Boletín del Instituto de Sociología.* Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Número I, pg. 249-256. Buenos Aires, 1942.

R E V I S T A S

Revista Mexicana de Sociología, México, D. F.

Revista Inter-americana de Sociología, Caracas, Venezuela.

Boletín del Instituto de Sociología, Buenos Aires, Argentina.

Sociologia, S. Paulo, Brasil.

Revista do Museu Paulista (seção de etnologia), S. Paulo, Brasil.

Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, Brasil